

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS  
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS  
LICENCIATURA EM LETRAS**

**FÁBULAS E APÓLOGOS COMO FERRAMENTAS DE DISCUSSÃO E REFLEXÃO  
NA SALA DE AULA.**

**Parintins – AM  
2017**

**LORENA DÁVILA SOUZA DE SOUZA**

**FÁBULAS E APÓLOGOS COMO FERRAMENTAS DE DISCUSSÃO E REFLEXÃO  
NA SALA DE AULA.**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Letras da Universidade do Estado do Amazonas para a obtenção do grau de licenciada em Letras, pela Universidade do Estado do Amazonas, Centro de Estudos Superiores de Parintins-UEA/CESP.

**Orientadora: Prof<sup>a</sup> Msc. Delma Pacheco Sicsú**

**PARINTINS – AM  
2017**

**LORENA DÁVILA SOUZA DE SOUZA**

**FÁBULAS E APÓLOGOS COMO FERRAMENTAS DE DISCUSSÃO E REFLEXÃO  
NA SALA DE AULA.**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Letras da Universidade do Estado do Amazonas para a obtenção do grau de licenciada em Letras, pela Universidade do Estado do Amazonas, Centro de Estudos Superiores de Parintins-UEA/CESP.

Aprovado em:

**BANCA EXAMINADORA**

---

Delma Pacheco Sicsú, MSc (CESP- UEA)  
(Orientadora)

---

Franklin Roosevelt, MSc (CESP- UEA)  
Examinador Externo

---

Francisca Keila  
Examinador Externo

**PARINTINS – AM**

**2017**

## **DEDICATÓRIA**

Dedico esta monografia a minha mãe Lídia Nanci Santos de Souza e a meu pai Raimundo Pereira Santos de Souza, que sempre estiveram me apoiando durante toda a minha vida acadêmica e não mediram esforços para que eu conseguisse concluir esta graduação. A eles dedico todas as minhas vitórias, pois eles estiveram comigo durante essa caminhada.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, agradeço a Deus, por todas as realizações e pelo belíssimo dom da vida.

Agradeço a minha professora e orientadora Delma Pacheco Sicsú por toda a paciência e por sempre acreditar no meu trabalho. Agradeço a meus irmãos Bruno Souza, Daiane Cristina, Adriano Souza, Ingrid Raiane e Luan Breno. Também a meus amigos e parceiros acadêmicos Wilker Figueiredo, Sílvia Anjos, Luciene Coelho, Edilene Reis e Paula Rocha, por quem tenho muito apreço e me apoiaram muito durante esses quatro anos. Sem deixar de lado também meus amigos de fora da academia: Ana Flávia Batalha, Sandrelly Amaral, Renata Ribeiro, Ivan Tavares, Ronaldo Oliveira, Ana Kárita Lauro e Karol Lobato que me ajudaram nessa jornada de conhecimento através de palavras de incentivo e por estarem presente de uma forma ou de outra.

Agradeço ainda a meus professores de todos os níveis, desde o ensino básico até a graduação, vocês com certeza ajudaram a constituir tudo o que sou.

A todos vocês, meu mais sincero **MUITO OBRIGADA!**

## **RESUMO**

Este resumo tratará sobre a pesquisa realizada em uma escola pública de Parintins, onde por meio da literatura infantil foi possível se trabalhar com turmas de 6º ano do Ensino Fundamental as fábulas e os apólogos como ferramentas de discussão e reflexão em sala de aula. Primeiramente retoma-se ao princípio da literatura infantil que surgiu com um intuito puramente pedagógico após a necessidade da união familiar o que dificultou o reconhecimento dos livros infantis como arte literária, até então, as crianças eram tratadas iguais adultos, portanto, liam o que os adultos liam. Mas com o passar do tempo, os autores souberam olhar para as crianças com o carinho necessário ao ponto de enxergar nelas a necessidade da diferenciação. A literatura infanto-juvenil agora vem sendo apresentada de diversas formas, ela se adequou ao tempo e facilitou o incentivo da mesma em sala de aula, mas a principal maneira de se incentivar a leitura em sala ainda é por meio dos textos narrativos, aí então entram as fábulas e apólogos, que são narrativas que agradam muito os alunos e permitem uma reflexão profunda do conteúdo repassado, esses gêneros são propícios para a refletir e discutir temas do cotidiano do aluno de forma descontraída, fazendo com que ele retire do texto coisas que acrescentem em sua vida

**Palavras-chave:** Literatura infantil, discussão e reflexão, fábulas e apólogos.

## **ABSTRACT**

This summary will deal with the research carried out in a Public School in Parintins, where through children's literature it was possible to work with groups of the 6th year of Elementary Education, fables and apologists as tools for discussion and reflection in the classroom. Firstly, it resumes the principle of children's literature that emerged with a purely pedagogical intent after the need of family unity, which made it difficult to recognize children's books as literatura art, until then, children were treated as adults, so read what the adults read. But over time, the authors knew how to look at the children with the necessary affection to the point of seeing in them the need for differentiation. Children's literature has now been presented in different ways, it has adapted to the time and facilitated the encouragement of the same in the classroom, but the main way to encourage reading in the classroom is still through the narrative texts, then there are fables and apologues, which are narratives that please the students a lot and allow a deep reflection of the contents passed on, these genres are conducive to reflect and discuss topics of the student's daily life in a relaxed way, causing him to remove from the text things that add to his life.

## Sumário

INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO I	
REFERENCIAL TEÓRICO	
1.1 A literatura infantil no ensino fundamental .....	3
1.2 Narrativas literárias nas práticas de leitura .....	6
1.3 Fábulas e apólogos: conceito, funções e contação .....	8
1.4 A relação literatura infantil e os temas transversais.....	13
CAPÍTULO II	
2. Metodologia.....	18
CAPÍTULO III	
3. Análise e apresentação de resultados.....	22
3.1 Descrição das atividades.....	22
3.2 A interação entre os alunos durante as oficinas.....	29
3.3 O olhar do aluno sobre a leitura e os gêneros fábulas e apólogos.....	30
CONCLUSÃO.....	38
REFERÊNCIAS.....	40



## 1. INTRODUÇÃO

O indivíduo participante de uma sociedade vive os princípios e valores que a ele são instruídos e agregados ao longo da vida. Mesmo que sem perceber, ele segue valores e princípios que lhes foram ensinados na família ou no âmbito em que habita. As pessoas são formadas a partir da realidade na qual mantém contato e sem que percebam, a realidade dela reflete em seus costumes e sua maneira de enxergar a vida quando eles entram em contato com outras visões de mundo.

O mundo é formado de culturas diferentes e nem tão longe nos deparamos com alguém que concorde com nossa linha de pensamento ou ainda quem discorde dela. Pensando nisso, é que se refere aqui aos PCNs no âmbito escolar. Os PCNs abordam os temas que percorrem a sociedade e ajudam na construção da mesma. Por isso é essencial que este seja abordado em ambientes formadores de pensamentos, onde sejam motivados a se pôr em prática os temas transversais por eles propostos. Um ambiente propício para se pregar estes valores é o ambiente escolar, onde a criança sofre uma grande influência principalmente por parte do professor que é visto como autoridade dentro de sala. O professor, por sua vez, deverá pensar em maneiras práticas e divertidas para abordar esses temas que são importantes na formação do aluno como cidadão.

No intuito de apresentar a importância de se trabalhar os temas transversais em sala de aula, mostra-se aqui as fábulas e apólogos como instrumentos didáticos para abordar os referidos temas com os alunos, objetivando através da literatura infanto-juvenil o incentivo à leitura desses gêneros. Essa pesquisa foi realizada em uma escola pública no município de Parintins, em que, por meio de oficinas de leitura os alunos puderam explicar ideias pensadas e necessidades encontradas dentro do ambiente escolar no que diz respeito a leitura.

Esse trabalho divide-se em três capítulos apresentados aqui e abordados de maneira mais detalhada durante o desenvolvimento. O primeiro capítulo traz o referencial teórico no qual a presente pesquisa foi embasada e utilizou-se de diversos autores para dialogar com base nos pontos pelos quais este capítulo foi dividido. O referencial teórico está dividido em quatro subtópicos. O primeiro aborda A Literatura Infantil no Ensino Fundamental, retratando a evolução da literatura infantil com o passar do tempo, desde seu surgimento até o momento em que ela adentrou o âmbito escolar e como ela se encontra atualmente nas instituições escolares. O segundo tópico, intitulado Narrativas Literárias nas Práticas de Leitura, fala sobre as narrativas na sala de aula e como ela se faz essencial para o aluno adentrar no universo da leitura

e se descobrir como tal, pois partir delas que podem surgir os primeiros incentivos para que o aluno tome gosto pela leitura, levando em consideração que os gêneros aqui em destaque são narrativas. O terceiro do referencial, Fábulas e apólogos: conceitos, funções e contação. Nele aborda-se de forma mais detalhada as fábulas e apólogos, falando um pouco de seus conceitos e de como estes podem ser trabalhados dentro de sala, focalizando na contação como parte fundamental para que os alunos entrem em contato com o gênero e por sua vez aprendam a gostar dele. O quarto, A Relação Literatura Infanto-Juvenil e os Temas Transversais, embasa de forma geral e conjunta a relação literatura juvenil e temas transversais, trazendo a importância da abordagem deste tema ainda mais nas séries do ensino fundamental.

O segundo capítulo deste documento é a Metodologia, que dividida em cinco subtópicos aborda o passo a passo pelo qual a pesquisa foi conduzida, mostrando o Tipo de Pesquisa,. O segundo trata sobre Método de Abordagem, no qual se baseou no diálogo entre os autores em que está pesquisa se baseou. O terceiro trata de Método de Procedimento. O quarto sobre Instrumentos, que foram utilizados durante todo o processo de pesquisa. E por último, o tópico Técnicas de pesquisa, dada através da observação.

O terceiro capítulo é a Análise e apresentação de resultados e que está dividida em três subtópicos, o qual o primeiro trata da descrição das atividades de maneira detalhada, onde se encontrará as formas de aplicação da pesquisa. O segundo, traz a interação dos alunos durante a oficina e como se deu o desenvolvimento deles durante a oficina de leitura e por último, a visão dos alunos sobre a leitura e também sobre os gêneros fábulas e apólogos, apresentando as opiniões deles e observações por parte do pesquisador.

Como último tópico, apresenta-se as considerações finais onde o pesquisador comenta, segundo o seu olhar, a importância de se trabalhar as fábulas e apólogos em sala de aula, visando não só os benefícios da leitura, mas também trabalhar a ética social e a boa conduta necessárias para o convívio na sociedade.

## 1. REFERENCIAL TEÓRICO

### 1.1 A LITERATURA INFANTIL NO ENSINO FUNDAMENTAL.

Por muito tempo a literatura infantil foi negada às crianças e destinada a elas apenas no final do século XVII. Antes disso, as crianças eram vistas como iguais aos adultos, não se olhava para elas de forma mais atenciosa ou com maiores cuidados. Compartilhavam dos mesmos lugares que os adultos, participando das conversas sem a menor preocupação de ouvir algo que não lhes cabia devido à sua menor idade. Mas apesar disso, eram excluídas do processo de qualquer decisão. Nesse período, a literatura disponibilizada as crianças era a mesma que disponibilizada aos adultos, diferenciada apenas pelas classes sociais, na qual as crianças da nobreza liam livros clássicos, enquanto as das classes mais humildes liam ou ouviam histórias de viajantes e cavalarias. Mas depois houve, “a concepção de uma faixa etária diferenciada, com interesses próprios e necessitando de uma formação específica, só aconteceu em meio a Idade Moderna” (ZILBERMAN. 2003, pág.15). Isso somente quando o período feudal estava entrando em total decadência, mostrando a necessidade de unir a família, que agora procurava focar no núcleo unicelular, no qual entravam apenas os pais e os filhos, sem a intromissão de outros parentes ou dos senhores feudais. Então, “a nova valorização da infância gerou maior união familiar, mas igualmente meios de controle do desenvolvimento intelectual da criança e manipulação de suas emoções.” (ZILBERMAN. 2003, pág.15). Surge assim a literatura juntamente com a escola para ajudar nesta questão do desenvolvimento no meio social. Inicialmente, como afirma Zilberman (2003), os primeiros livros foram escritos por pedagogos e professoras, afastando assim a literatura infantil daquilo que era considerado artístico e tornando-a de caráter altamente pedagógico, utilizada para educar, persuadir e dominar totalmente a criança, fazendo-a totalmente dependente. Mas, tudo está sujeito a mudança e novas opiniões passaram a ser formadas sobre tal leitura como mostra Leonardo Arroyo:

No começo do século, a escritora portuguesa Ana de Castro Osório afirmava que “o melhor livro de leitura é o que mais interesse e agrado despertar à criança”. Na simplicidade da frase sobressai uma grande verdade. Reduzia ela a uma fórmula simples e provada historicamente o problema tornado complexo pelo abuso da pedagogia. (ARROYO. 2011, pág.12)

Acreditava-se que a pedagogia era melhor entendedora do assunto “crianças”, mas o exagero em mostrar o que se devia ou não fazer, aparentava falhas na hora de produzir os textos, por isso, com o tempo ficou notório refletir sobre a necessidade de repensar essa literatura.

Mostrou-se então outro olhar que fora lançado ao alto teor pedagógico introduzido nos livros, que tinham como objetivo apresentar duas características essenciais que viriam a ser a

puerilidade e o tom moralizante, tentando fazer da criança o melhor indivíduo possível que poderia servir a sociedade mais tarde, reduzindo a possibilidade de se usar a imaginação e também limitando a capacidade de criar e inventar coisas, pois, esses textos pouco atraíam a atenção das crianças. Zilberman (2003) diz, que antes de tudo, a literatura infantil era um problema pedagógico e não literário. Assim, a literatura destinada às crianças só passa a ser para esse público específico no final do século XVII, como bem esclarece Arroyo:

Data ela dos fins do século XVII, quando Fénelon, com o seu *Traité de l'éducation des filles* [Tratado sobre a educação das meninas], lançou novos princípios de educação. O autor procurava diversificar as então tradicionais leituras que se entregavam às crianças, ou seja, os livros piedosos de vidas de santos ou de personagens das sagradas escrituras. Encarregado da educação do Duque de Borgonha, Fénelon deu como leitura ao menino livros profanos, inspirados na mitologia, nos fatos lendários da Antiguidade ou na tradição popular. Pela primeira vez, então, como assinalar Marie-Thérèse Latzarus, uma criança tinha entre as mãos livros escritos para ela mesma. (ARROYO. 2001, pág.13)

A crítica a este tipo de atitude foi forte, pois finalmente chega a mão da criança um livro que propõe pensamentos revolucionários, mas a principal finalidade de Fénelon foi realmente dar ao pequeno um livro interessante, que o permitisse raciocinar de forma lógica sobre a sociedade, bem diferente do modelo apresentado no início da literatura infantil, no qual as lições de moral e bom comportamento eram gritantes, procurando alienar a criança.

Muita coisa mudou desde as raízes da literatura infantil até os tempos atuais, a escrita, a linguagem usada no texto e até mesmo os meios pelos quais eles chegam até a casa do seu leitor, e tudo agora é voltado para a criança se sentir bem, pois, “um bom livro é aquele que agrada, não importa se foi escrito para crianças ou adultos, homens ou mulheres, brasileiros ou estrangeiros” (ZILBERMAN. 2005 pág. 9). Voltado agora não só para a pedagogia, mas também para o interesse da criança em descobrir o mundo e usar da imaginação para construir o seu próprio universo, a literatura destinada as crianças alcançou todos os públicos de leitores, e agora bem se pode dizer que um livro de tal literatura pode servir tanto para crianças quanto para o adulto, entendendo, contudo que, “vários gêneros literários fazem maior sucesso em determinadas épocas, e com determinadas faixas etárias. A história literária tem exemplos claros disso” (CUNHA. 1998, pág.26). Ela não só ensina como também diverte o público que consegue assimilar bem mais o conteúdo de uma maneira prática e quase nada cansativa, e, de certa forma, acaba sendo um alívio para o pequeno aprender e para o adulto que está usando da literatura para ensinar algo.

E claro, grandes mudanças na literatura exigem mudanças na forma em que ela será apresentada aos alunos, pois com o avanço da tecnologia, vemos cada vez menos as crianças e jovens pegando um livro para iniciar uma leitura. Lajolo (2001), afirma que a literatura não morreu, está muito viva e pretende viver por muito mais anos ainda. Se engana quem pensa que ela deixou nosso dia a dia e que ainda aqui não habita mais.

A literatura infanto-juvenil saiu do leitor burguês direto para o povo, e agora o que uma pequena parte da população tinha acesso pode ser consultada por muitas outras pessoas. Mesmo com a desvalorização da literatura por conta da tecnologia, sabemos que esta é uma cultura que nunca tem fim, por mais que já tenham anunciado seu término, aqui ela ainda se faz e se lê.

Ainda partindo do conceito de mudanças, mostrar que a inovação é bem-vinda para maior, melhor, mais divertido e mais antigo meio de conhecimento já criado é importante, principalmente em se tratando da literatura destinada as crianças:

Quero enfatizar a grande riqueza da literatura infantil, dos clássicos às figuras de enorme influência da cultura “popular”, da metaficção aos textos experimentais em multimídias até os mais recentes e efêmeros textos, incluindo livros-ilustrados, contos de fadas e tudo o que possa ser proveitosamente examinado. (HUNT. 2015, pág. 39)

Vira-se o jogo para a leitura e conhecimento da literatura infantil em sala de aula, por meios dos quais as crianças se interessam em ouvir, ver e aprender através da tecnologia, sabendo aproveitar o que o homem já criou para melhorar o aprendizado da criança, deixando-a à vontade para procurar a principal referência de leitura que vem a ser o livro.

Não se pode deixar de lembrar que a leitura tem que ser prazerosa para a criança e a escola é o lugar propício para que haja o incentivo de tais atividades na vida da criança tentando fazer disso um hábito para ela.

Não podemos ignorar, contudo, o fato de que a literatura infantil traz consigo o toque pedagógico desde os tempos iniciais, e mesmo que tenha passado por alterações, algumas coisas “ainda se mantem próximas ao que eram, pois, muitas obras feitas para crianças e ditas de literatura infantil não se desprendem de uma peculiaridade do discurso pedagógico: a redução da criança, notadamente pela facilitação artística (puerilidade) e pelo tom moralizador” (CUNHA. 1998, pág.26). Isso é visível, e não é de um todo uma coisa ruim, pois agora não tão excessivo deixa a criança ser criança e desenvolver sua imaginação, abrindo espaço também para uma aprendizagem dinâmica e divertida que já não é tão exaustiva como a de antes.

Mantem-se, porém, ainda o conceito de que a literatura infantil é inferior a outras, e “a dificuldade com a literatura infantil é que, devido a sua acessibilidade, devido à inexistência de “cânones” e porque os principais leitores não estão envolvidos em um jogo literário, há pouca margem para interpretações ‘padrão’ ” (HUNT. 2015, pág. 36). Mas o autor afirma logo em seguida que “a literatura infantil é diferente, mas não menor que as outras.” (HUNT. 2015, pág. 36), e isso vemos constantemente, pois a literatura infantil abrange tão igual as mesmas áreas que qualquer outra e é tão importante como qualquer outra, por isso não deve ser em nem um momento considerado inferior.

Através dessa literatura juntamente com a escola é que temos a oportunidade de fazer o aluno conhecer o mundo e incentivá-los através das narrativas literárias a continuar suas práticas de leitura, até porque, a prática de leitura ajuda em outros ramos que são favoráveis aos alunos em relações futuras não só na academia, mas também na vida social.

## **1.2 NARRATIVAS LITERÁRIAS NAS PRÁTICAS DE LEITURA**

Desde muito tempo, as narrativas têm sido usadas para estimular o aprendizado da leitura e incentiva-la em de sala de aula. Tanto que nos dias atuais, muitas escolas adotam esse tipo de metodologia para incitar a criança a procurar livros ou qualquer outro tipo de meio que os faça adquirir o hábito da leitura.

As narrativas literárias muitas das vezes são expostas para os alunos ainda nas séries iniciais, participando do processo de alfabetização, “na crença de que, no processo de interação com o livro de literatura, mesmo ainda não decifrando o código escrito, a criança constrói significados a partir de um referencial que lhe é muito particular: a própria experiência” (MAIA. 2007, pág. 78). Trazendo história divertidas com as quais as crianças se identifiquem, compostas com palavras fáceis para que elas possam decora-las e exercê-las futuramente com a pratica da leitura.

Os professores dos primeiros anos escolares costumam utilizar das narrativas literárias com muita frequência já que ela abrange a diversidade de gêneros mais utilizadas por eles, com textos que abrem espaço para diversos tipos de compreensões, trabalhando o pensamento crítico e a prática discursiva do aluno, pois “as línguas e os gêneros são indissociáveis na manifestação textual e discursiva da linguagem” (ADAM. 2011, pág 18), deixando a entender que não só os

gêneros narrativos, mas todos os gêneros existentes fazem parte do cotidiano da sociedade já que sem eles não existiria nenhum tipo de texto literário ou não.

As narrativas literárias são a primeira oportunidade que a criança tem de entrar em contato com o mundo literário, mas é preciso que o professor saiba utilizar dessa forte ferramenta para que surja o interesse por parte do aluno. Martha (2008) diz que a construção do bom leitor começa nas séries iniciais, quando o interesse da leitura surge para atender a uma necessidade de caráter informativo ou recreativo, ainda quando o aluno está descobrindo o mundo e sua compreensão está surgindo. É preciso, portanto, tirar o máximo de aproveitamento do aluno, contribuindo para que ele venha a ser um bom leitor.

Narrativa, importante frisar, é derivado do verbo “narrar” que por sua vez, vem do latim “narratio”, que quer dizer narrar acontecimentos reais ou fictícios. Surgiu dentro do gênero épico, em versos que narravam aventuras dos grandes heróis da época, apresentando concepções de prosas diferentes e criando dessa forma as divisões dos gêneros literários.

Esse tipo de texto pode narrar os mais variados tipos de assunto, desde o real ao ficcional, o que permite o trabalho constante dentro de sala de aula com os alunos de todas as séries, desde o Ensino Fundamental até o Ensino Médio, variando assim de contexto, autores e personagens. Há uma grande quantidade de textos pertencentes a diversos gêneros que fazem parte dos textos narrativos como o romance, a fábula, a epopeia, o conto, a crônica, o apólogo, a novela, entre outros; cada um assumindo atributos próprios.

Como principal característica, os gêneros narrativos, como bem sugere o nome, narram um fato ou uma história de ficção. Em seu enredo, consiste uma situação inicial, um conflito, o clímax e o epílogo. Compõe-se de narrador, tempo, lugar, situação e os personagens. São as histórias mais utilizadas nas escolas e mais lidas por crianças e jovens; assumem geralmente uma face divertida e descontraída, chamando assim a atenção do público leitor que não se limita a nem uma faixa etária.

No início dos tempos, assim como a literatura infantil, os textos narrativos eram poucos utilizados e quase não destinados a crianças apesar de existirem há muito tempo, valorizava-se muito mais a gramática nas escolas, o que era errado, pois, não se pode “formar cidadãos pensantes críticos e reflexivos, se ministrarmos aulas de língua materna, que usam o texto apenas como pretexto para o ensino de gramática ou de leitura e interpretação superficiais.” (ANTUNES. 2003, pág.27). Mas com o tempo, ambas ocuparam o mesmo espaço e se

encontraram como partes iguais de um mesmo aprendizado. Porém, foi com o olhar diferenciado encimado das crianças e adolescente é que se iniciaram também as narrativas para as crianças.

Aguiar e Martha (2014) afirmam que foi por volta de 1970 com o aparecimento de um corpo de autores que destinaram suas obras a leitores adolescentes; os escritores buscaram abordar temas atuais com uma linguagem muito mais próxima da realidade dos alunos, apresentando dessa forma obras como “A casa da madrinha (1978)” e “Corda bamba (1979)” da escritora Lygia Bojunga e trouxeram de maneira indireta fortes críticas aos acontecimentos da época.

Com o passar do tempo e o crescimento de autores destinando suas obras para a literatura infanto-juvenil, a técnica da utilização de narrativas em sala vem ganhando espaço mesmo que haja uma grande disputa, principalmente nos dias atuais, no qual o celular, computador e outros meios midiáticos tem tirado atenção dos alunos sobre os livros e textos impressos. É pensando nisso que os professores menos tradicionalistas utilizam da tecnologia para o incentivo à leitura ou para que o aluno conheça as histórias, já que pode ouvir e ver as narrativas através do computador, televisão, rádios e outros meios. Benjamin (1996) diz que a narrativa é uma forma artesanal de comunicação; os professores apenas se adaptam às tecnologias que estão bem presentes no ambiente social dos alunos atualmente.

Tanto nas áreas de materiais impressos como nas da televisão, rádio e informática educativa, ocorreu um refinamento inegável nos procedimentos de produção de materiais para fins de ensino, que gerou nova linguagem, novos esquemas de trabalho, novas concepções, novas técnicas e novos instrumentos de avaliação. (PFROMM NETTO. 2001, pág. 38)

Utilizou-se de formas diferenciadas para contar uma história, o que tornava tudo mais atrativo para as crianças que podiam ter contato com os livros impressos e com a tecnologia, já que o meio de educação estão se adaptando as necessidades contemporâneas, porém sem esquecer as suas raízes.

Partindo deste tipo de atrativo para introduzir e trabalhar a literatura dentro de sala de aula, espera-se maior interação e compreensão por parte dos alunos. Se o livro impresso ainda não foi utilizado, os professores utilizam a mídia no propósito de estimular a leitura, objetivando que os alunos tomem gosto pelo ato de ler, pois “ler é sobretudo uma atividade voluntária e prazerosa, e quando ensinamos a ler devemos levar isso em conta. As crianças e os professores devem estar motivados para aprender e ensinar a ler” (SOLE. 1998, pág. 90). Por este motivo, professores devem buscar levar gêneros que possam ser apresentados de variadas formas e que

tragam exemplos produtivos para os alunos já que além de tentarem torná-los bons leitores que gostem de leitura e sejam capazes de compreender o conteúdo de cada texto, também se insere um caráter pedagógico nas interpretações das narrativas.

Por isso, geralmente, os professores e pedagogos procuram para trabalhar em sala gêneros narrativos que permitam a utilização da imaginação e que são considerados bem mais atrativos e divertidos, pois prendem a atenção das crianças e acima de tudo podem ensinar algo produtivo para que elas possam levar para o dia a dia. Algumas das narrativas mais utilizadas em todas as series, desde o ensino básico até o ensino médio, e ainda mesmo no ensino superior, são as fabulas e apólogos. Gêneros estes que se destacam por possuírem características próprias e alegrarem pessoas de todas as idades, trazendo temas cotidianos de maneira descontraída e divertida, ideal para o trabalho pedagógico desenvolvido nas escolas.

### **1.3 FABULAS E APÓLOGOS: CONCEITOS, FUNÇÕES E CONTAÇÃO**

As fabulas e apólogos são gêneros narrativos muito conhecidos e possuem características únicas. Atualmente, são muito utilizadas dentro das escolas para o incentivo à leitura, pois geralmente são textos curtos e descontraídos, que permitem refletir sobre situações cotidianas usando como personagens objetos e animais.

Os gêneros como as fábulas e apólogos surgem como aliados da educação pelo fato de que contém um caráter reflexivo e “Ao ler uma história a criança desenvolve todo um potencial crítico. A partir daí ela pode pensar, duvidar, se perguntar, questionar [...] (ABRAMOVICH.1989, pág. 143), fortalecendo dessa forma a reflexão dos alunos, ajudando-os a tornarem indivíduos pensantes, com uma facilidade de interpretação melhor, abertos a novas descobertas, participativos e preparados para a vida social, sem precisar pressioná-los, pois através das leituras em sala de aula eles podem fortalecer a mente e o senso crítico.

Partindo deste princípio é que se esclarece o conceito de tais gêneros, Moises diz que apólogo é uma “narrativa curta, não raro identificada com a fábula, graças à moral explícita e implícita, e à estrutura dramática que se fundamenta” (MOISÉS. 1999, pág. 34). A moral trabalhada nos apólogos é o que os torna apoio pedagógico dentro de sala. Os professores utilizam do fim reflexivo para ensinar os valores éticos e morais, e os alunos absorvem com facilidade através do lúdico caracterizado no personagem, já que “o apólogo é protagonizado por seres inanimados (plantas, pedras, rios, agulha, relógio, moedas, estatuas, etc.) (MOISÉS. 1999, pág. 34), estimulando o aluno a usar a imaginação ao ler na história, tornando a leitura algo divertido e que também ensina.

É a descoberta de um novo mundo, onde se tratam de temas que eles veem todos os dias, mas que não se dão conta muitas vezes ou não sabem como resolver.

Quanto ao gênero fábula, “narrativa alegórica de que se terá uma quase moralidade[...] é afinal, uma maneira agradável de explicar uma verdade, que de outro modo poderia chocar. A fábula nunca deve desviar de seu objeto moral. Deve ser sempre ter a ilustração de um código de ética” (MILLIET. 1957, pág. 27). A fábula é, pois um dos gêneros mais conhecidos, tendo como uma de suas características principais os animais como personagens da trama. Como o apólogo, mostra um caráter moral e também usa o lúdico como aliado, assim a criança se vê envolvida pela leitura que não é cansativa e é sempre diferente.

Tanto a fábula quanto o apólogo têm uma finalidade moralista e ambas as histórias trazem em seu enredo dois lados que podem ser considerados justo e injusto, bom e ruim, mas ambos têm características próprias, a principal delas são os personagens, pois que enquanto na fábula os personagens são animais, no apólogo são seres inanimados como objetos, pedras, plantas, entre outros. Não existe um padrão de tamanho, nem para as fábulas e nem para os apólogos; eles podem ser extensos ou curtos, mas nunca mudam de sentido quanto a sua função como afirma Fernandes, trazendo a fábula como exemplo:

A fábula é um desses tipos de história de que estamos falando e são contadas há mais ou menos 2.800. Geralmente, elas representam uma cena, vivida por animais, plantas ou objetos que falam e agem como se fossem gente. Elas são contadas ou escritas para dar um conselho, para alertar sobre algo que pode acontecer na vida real, para transmitir algum ensinamento, para fazer alguma crítica, uma ironia etc. por isso, muitas vezes, no finalzinho das fábulas, isto é, quando a história acaba, aparece uma frase destacada, que costumamos chamar de moral da história, trata de certas atitudes humanas, como a disputa, a ganancia, a gratidão, o ser bondoso, o não ser tolo etc” (FERNANDES. 2001, pág.17)

Os professores geralmente optam por esses gêneros por questões puramente pedagógicas já que com as morais de cada história muito pode-se aprender e discutir, ensinando-os através da ludicidade a criar um pensamento independente, “lidando com problemas humanos universais, particularmente os que preocupam o pensamento da criança, essas histórias falam ao ego que desabrocha e encorajam o seu desenvolvimento, ao mesmo tempo em que aliviam pressões pré-conscientes e inconscientes” (BETTELHEIM. 2007, pág. 12), ajudando o aluno a lidar com os problemas de uma sociedade constante, já que, uma vez lendo a narrativa e compreendendo a razão e as consequências de cada ato, pode-se incorporar em determinados momentos da realidade a moral e aprendizado que a história apresentou.

O professor, assume neste momento um papel de extrema importância, primeiramente porque ele é quem apresentará o gênero, então a forma como este gênero será abordado dentro de sala fará toda a diferença para despertar o interesse da criança, ele também deverá ser o maior

incentivador da leitura, dessas e de outras narrativas. Depois, ele será responsável dos debates e discussões e de todas as outras atividades realizadas após a leitura:

Para ser eficaz, a leitura na escola deve partir de uma problematização relevante para o estudante, de uma pergunta que faça sentido para o leitor e sirva como suporte à interlocução com outros leitores. Essa leitura precisa ser acompanhada de diferentes tarefas ou mediações do professor capazes de enriquecer a visão do contexto, ampliar a compreensão do problema, explorar suas possibilidades de repercussão sobre vidas coletivas ou individuais (FILIPOUSKI; MARCHI. 2009, pág. 7).

Por isso, o interesse do aluno depende muito de como o professor irá abordar os gêneros e esse interesse só será mantido se o professor souber continuar incentivando, apresentando aos alunos textos com metodologias bem pontuadas para que eles não fiquem sem entender o objetivo da história, deixando claro todas as finalidades da leitura. Assim, quanto mais compreensão o aluno tiver de uma determinada narrativa, mais interesse ele terá por ela e por outras narrações similares. Muitas das vezes, mesmo que somente através de conversas e contações de histórias, o educador precisa saber narrar ou apresentar a história, pois até a tonalidade e expressão de um narrador pode encantar ou não a criança, e isso se deve graças aos meios de expressão que o professor utiliza para levar a narrativa até o aluno

As histórias contadas oralmente tem uma força de transmissão oral, isto é: a voz, o olhar e o gesto vivo do contador de histórias, que alegra ou entristece sua plateia. Na “contação” usam-se as próprias palavras, há variações nas versões de cada histórias, permite-se o uso de recursos e está mais próxima da oralidade. A criança aprende mais sobre a língua que se fala, amplia seu repertório e seu universo imaginário, percebe que as histórias podem ser mudadas e começa a criar suas próprias histórias. Ao ler, o professor apresenta aos alunos o universo letrado, instigam a curiosidade pelos livros e seus conteúdos. Neste caso a história é sempre a mesma, independente de quem a lê. Podemos modificar a entonação, a altura ou timbre da voz, mas o texto é sempre o mesmo. A leitura traz consigo marcas específicas da língua escrita e não utilizamos cotidianamente ao falar. (OLIVEIRA. 2006, pág.04)

Assumindo assim um papel enorme perante a aprendizagem dos alunos, as histórias abrangem todos os ramos para um bom desenvolvimento, desde ouvir até exercer a oralidade, fortificar a cognição, o pensamento crítico e reflexivo. Por isso é importante o professor compreender que não somente ouvir histórias, mas exercer a leitura delas faz bem tanto para o lazer como para a educação, já que lendo é que se conhece um pouco mais da sociedade e de si como integrante dela.

A diversificação na hora de se apresentar as narrativas é importante e cria mais chances do aluno compreender, participar, ler, expor ideias de qualidade e fixar o conteúdo repassado, “a leitura é um ato de interação comunicativa que se desenvolve entre o leitor e o autor, com base no texto, não podendo-se prever com segurança os resultados. Assim, mesmo os textos mais simples podem oferecer as compreensões mais inesperadas” (MARCUSHI. 1999, pág.96), e todo esse processo de formação de ideias e partilha das mesmas só é possível a partir da conduta que o professor terá

dentro de sala de aula, mediando as atividades através dos gêneros e extraindo dos alunos comentários produtivos que serão de grande valia para todos os outros colegas.

Para que a criança adentre o mundo da leitura e dos bons leitores, ela tem que se sentir envolvida nesse mundo. Por isso é importante que ela ouça muitas histórias, é através delas que o aluno conhece o mundo de forma divertida, descobre sentimentos e formula pensamentos:

É ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade e tantas outras mais, viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve – com toda amplitude, significância e verdade que cada uma delas fez (ou não) brotar... pois é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário (ABRAMOVICH. 1998, pág.2)

Através dos momentos de contação de histórias proporcionados dentro de sala é que irá se cativar o interesse dos alunos e quem sabe formar futuros leitores. Pensando nisso, se busca nas fabulas e apólogos, suporte para que estes momentos sejam ainda mais descontraídos e divertidos, haja vista que esses gêneros são demasiadamente lúdicos e repletos de mensagens reflexivas.

O bom professor não enxergará as histórias somente com um olhar pedagógico, mas também como uma forma de divertir a criança, estimular a cognição e a curiosidade. A criança tem que sentir prazer ao ouvir a narrativa e sentir sua imaginação aflorar através da ludicidade apresentada

Contar histórias é fermento para o imaginário. Elas nascem no coração e, poeticamente circulando, se espalham por todos os sentidos devaneando, gatiando, até chegar ao imaginário. O coração é o grande aliado da imaginação nesse processo de produção de imagens significativas. Com o coração, a gente sente e vê com os olhos internos as imagens que nos fazem bem. (BUSATTO. 2006, pág.58-59)

Através das histórias, entende-se a realidade, compreende-se sentimentos, a sociedade já não parece tão confusa e isso é ótimo para a criança que acaba se incluindo como indivíduo de uma sociedade pensante e reconhecendo cada sentimento existente dentro de si. Quando bem trabalhadas, as fabulas e apólogos atingem objetivos maiores do que esperados, já que a criança adota valores aprendidos e segue a boa conduta, baseado no desfecho em que a história apresentou. Isso significa que a contação como ferramenta didática está causando efeito positivo.

Quando as narrativas permitem a discussão de temas que englobam a sociedade, por mais fantástico que seja a história, o aluno se identifica. Por isso que os gêneros com tons moralizantes como a fabula e apólogo acabam mostram ideais para deixar que a criança adentre os problemas e a imensidão que é a sociedade, sem deixar de ser criança, ajudando-a aos poucos

a lidar com o meio onde ela se encontra. Aí então é propício que se discuta as temáticas presentes no texto que são como parâmetros pelos quais a sociedade deve se basear, através dessas temáticas o aluno poderá criar um modelo de boa conduta sem perceber que está aprendendo, pois, a ludicidade das fábulas e apólogos ao povoarem reflexões por meio do enredo e da moral, podem também contribuir para a construção do senso crítico do aluno.

#### **1.4 A RELAÇÃO LITERATURA INFANTO-JUVENIL E OS TEMAS TRANSVERSAIS**

Pela ludicidade e pelo imaginário abordado em gêneros como as fábulas e os apólogos, eles são os melhores estilos de textos narrativos que podem abordar assuntos sérios vividos no nosso cotidiano, são gêneros que permitem ao leitor uma compreensão fácil sobre determinado assunto e por essa facilidade de entendimento é que se faz oportuno abordar os temas transversais que são de grande importância para a sociedade, mas essa enfoque só acontecerá se for descontraída e alegre, o que de certa forma é mais atraente e mais agradável a qualquer pessoa.

Importante frisar que, apesar dos avanços nas pesquisas sobre leitura, a literatura infantil ainda sofre muito preconceito quanto a seu conteúdo por pessoas que não a leem, ou que só enxergam apenas os livros e textos de deleite e destinados unicamente para as crianças, quando não é verdade

Um bom livro é aquele que agrada, não importando se foi escrito para crianças ou para adultos, homens ou mulheres, brasileiros ou estrangeiros. E ao livro que agrada se costuma voltar, lendo-o de novo, no todo ou em parte, retornando de preferência àqueles trechos que provocaram prazer particular. (ZILBERMAN. 2005, pág. 09)

A literatura infantil é sim feita para as crianças, mas ela traz assuntos importantes para toda a sociedade, o que não impede que um adulto a leia e entenda perfeitamente a mensagem que o texto quer passar. Em geral, ela trata de coisas que todos sentimos e fazemos, seja adulto ou criança, homem ou mulher. Por isso, talvez essa literatura é lida até mesmo nas academias, por ser incrivelmente prazerosa e de fácil compreensão e tão discutida em sala de aula nas séries de ensino fundamental, onde o professor insiste em destacar as temáticas e discutir sobre elas.

Assim como a literatura infantil vem repleta de histórias no intuito de ensinar as crianças a percorrer bons caminhos, analisando o contexto e se embasando na faixa etária de seus possíveis leitores, os temas transversais aparecem como um manual de boa conduta para a sociedade, e este pode ser inserido na educação das crianças ainda no ensino fundamental:

Ao lado do conhecimento de fatos e situações marcantes da realidade brasileira, de informações e práticas que lhe possibilitem participar ativa e construtivamente dessa sociedade, os objetivos do ensino fundamental apontam a necessidade de que os alunos se tornem capazes de eleger critérios de ação pautados na justiça, detectando e rejeitando a injustiça quando ela se fizer presente, assim como criar formas não violentas de atuação nas diferentes situações da vida” (BRASIL. 1998, pág.35)

Isso nos mostra que ambos, tanto os gêneros textuais aqui trabalhados, como na discussão de temáticas presentes na vida de qualquer pessoa, contribuindo assim na melhoria do indivíduo participante da coletividade dentro ou fora de uma instituição pública de ensino, onde o objetivo é mantê-lo aberto a novos conhecimentos que sejam produtivos para sua vida social

Na prática pedagógica, interdisciplinaridade e transversalidade alimenta-se mutuamente, pois o tratamento das questões trazidas pelos Temas Transversais expõe as inter-relações entre os objetos de conhecimento, de forma que não é possível fazer um trabalho pautado na transversalidade tomando-se uma perspectiva disciplinar rígida. A transversalidade promove uma compreensão abrangente dos diferentes objetos de conhecimento, bem como a percepção da implicação do sujeito de conhecimento na sua produção, superando a dicotomia entre ambos. Por essa mesma via, a transversalidade abre espaço para a inclusão de saberes extra-escolares, possibilitando a referência a sistemas de significado construídos na realidade dos alunos (BRASIL. 1998, pág.30)

Sendo assim, a partir do momento em que as temáticas de cunho social são inseridas no ensino dentro de sala de aula, pode-se haver essa interdisciplinaridade, pois todos os assuntos da realidade cotidiana do aluno podem vir a ser discutidos. O professor, porém, deve saber como abordar esses assuntos dentro de sala de aula, pois um profissional mal preparado jamais poderá conversar com seus alunos sobre um conteúdo que nem ele próprio tem domínio. As fábulas e apólogos pela comparação e reconhecimento com fatos cotidianos vividos na sociedade podem contribuir para que o professor aborde questões da vida real com os alunos.

Deve-se tentar mediar um bom diálogo com os alunos sobre tais temas, buscando o auxílio da literatura e dos gêneros, para que por meio deles o aluno possa entender o certo e o errado e aprender a lidar com futuros problemas. Por isso é importante que desde pequeno eles discutam em sala de aula questões pertinentes à condição humana. Como afirma Mizukami (1986):

O professor em si não transmite conteúdo, dá assistência, sendo um facilitador da aprendizagem. O conteúdo advém das próprias experiências dos alunos. A atividade é considerada um processo natural que se realiza através da interação com o meio. Conteúdo da educação deveria consistir em experiências que o aluno reconstrói. O professor não ensina: apenas cria condições para que os alunos aprendam (MIZUMAKI. 1986, pág.38)

O professor se encontra então como mediador de conhecimento e precisa levar em consideração a experiência de vida do aluno, já que mesmo inconsciente o estudante já passou por alguma situação na qual utiliza o que pensou de acordo com o tema abordado na leitura.

Através da literatura, o professor ganha muito mais autonomia para tratar de diferentes temáticas. A literatura infantil já tem por si só uma carga influenciadora e “se configura não só como instrumento de formação conceitual, mas também de emancipação da manipulação da sociedade” (CADEMARTORI. 1994, pág.23), através dos personagens e situações expostas em suas narrativas é muito mais fácil de se educar a criança que se identificar com determinados sujeitos apresentados no livro.

Em geral, o leitor não gosta de comparar-se com o papel de vilão dentro de uma narrativa, por isso, sempre tentará optar por se identificar com personagens que ocupam o papel de mocinho da trama. Partindo desse tipo de situação é que o professor pode discutir diferentes questões com os alunos tomando como base os Parâmetros Curriculares Nacionais os temas transversais que são: Ética, que se complementa junto a moral, onde “no âmbito da filosofia, hoje, faz-se uma distinção entre eles, definindo a moral como conjunto de princípios, crenças, regras que orientam o comportamento dos indivíduos nas diversas sociedades, e a ética como a reflexão crítica sobre a moral.” (BRASIL. 1998, pág.49). Esse é com certeza um dos temas transversais que mais se faz presentes nas histórias, se não em todas, em especial nas fábulas e apólogos, explícito em especial na moral apresentada no fim de cada uma delas.

Em seguida, A pluralidade cultural, que “busca explicitar a diversidade étnica e cultural que propõe a sociedade brasileira (...) oferecendo elementos para a compreensão de que valorizar as diferenças étnicas e culturais não significa aderir aos valores do outro, mas respeitá-los” (BRASIL. 1998, pág.121). Este é um tema que deve ser muito discutido em sala, pois diz respeito ao acolhimento de pessoas diferentes, de costumes diferentes, mencionado, por sinal, em muitos livros didáticos e não didáticos buscando mostrar ao aluno a importância do respeito ao próximo e como o mundo é composto de diferenças.

Outro tema trazido pelos PCN's é o Meio Ambiente, pois “são grandes os desafios a enfrentar quando se procura direcionar as ações para a melhoria de vida no mundo. Um deles é relativo à mudança de atitudes na interação com o patrimônio básico para a vida humana: o meio ambiente” (BRASIL. 1998, pág.169), esse tema transversal é bastante encontrado nos livros infantis, ou como cenário, ou como personagem principal, em especial nas fábulas amazônicas, objetivando mostrar ao aluno um olhar especial sobre a natureza que o rodeia. As histórias mostram quão dependente da natureza o ser humano é.

O próximo tema; é a saúde, vem a ser “produto e parte do estilo de vida e das condições de existência, sendo a vivência do processo saúde/doença.” (BRASIL. 1998, pág.252), abordada nas histórias infantis de maneira indireta, geralmente não vem como tema principal, mas não deixa de abordar um fator importante e alerta para os cuidados diários pessoais que todos devem ter.

Talvez o tema transversal menos abordado em histórias infantis atuais é a Orientação Sexual. Esse tema “é um dos fatores que contribui para o conhecimento e valorização dos direitos sexuais e reprodutivos. Estes dizem respeito à possibilidade de que homens tomem decisões sobre sua fertilidade, saúde reprodutiva e criação de filhos” (BRASIL, 1998, pág.293) não deixa de ser trabalhada, mas assim como a saúde, vem de maneira implícita e muito rara de ser lida a partir dos gêneros aqui mencionados, até porque somente começa-se a tratar desse tipo de assunto no 8º e 9º ano do Ensino Fundamental II, onde as crianças já têm uma compreensão melhor.

O Trabalho, é outro tema transversal que objetiva “a compreensão das relações de trabalho existentes na atualidade, subsidiando a reflexão sobre os projetos de vida dos alunos nos quais se inclui a dimensão profissional” (BRASIL. 1998, pág. 378), e tudo se remete ao trabalho. Este por sua vez, é muito identificado nas narrativas aqui mencionadas, e traz grande reflexão para os alunos já que a própria formação pela qual estão passando visa futuramente um bom emprego. Este é um tema transversal que é trabalhado desde as series iniciais, porque a coletividade em uma simples brincadeira em grupo pode trazê-lo à tona, já que o objetivo desse tema é compreender e saber se relacionar com o colega, seja no trabalho profissional ou, nesse caso, nos trabalhos escolares.

É interessante saber trabalhar com os alunos o valor desses fundamentos, o porquê de serem tão importantes e discutidos, e principalmente deixar que encontrem os temas, na vida e no texto.

Ao lado do conhecimento de fatos e situações marcantes da realidade brasileira, de informações e práticas que lhe possibilitem participar ativa e construtivamente dessa sociedade, os objetivos do ensino fundamental apontam a necessidade de que os alunos se tornem capazes de eleger critérios de ação pautados na justiça, detectando e rejeitando a injustiça quando ela se fizer presente, assim como criar formas não violentas de atuação nas diferentes situações da vida. (BRASIL. 1998, pág. 35)

Tal qual a literatura busca do desenvolvimento do leitor como ser pensante, os temas transversais buscam a evolução do ser humano quanto indivíduo importante de uma sociedade, juntos tendem a incentivar a criança a conhecer de forma divertida os parâmetros que regem a sociedade que a cerca e que faça boas decisões quanto ao futuro como leitor, como indivíduo de uma sociedade, como criança e também como adulto.

A literatura e os temas transversais se aliam não só por uma questão momentânea, mas para uma vida toda na qual a criança irá adentrar e enriquecer seu conhecimento em todos os aspectos.

## **2. METODOLOGIA**

Neste tópico discorreremos sobre os percursos metodológicos desta pesquisa, apresentando e ressaltando os caminhos que foram utilizados para alcançar os objetivos aqui propostos, afim de esclarecer cada passo da pesquisa para melhor compreensão e entendimento.

### **2.1 TIPO DE PESQUISA**

Esta pesquisa é de natureza qualitativa, pela necessidade de observar e interagir com os alunos sobre o tema proposto através do contato dentro de sala de aula. Pela observação e conversa com o aluno pode-se entender a realidade e perceber o conhecimento de mundo que eles já possuem, *o processo e seu significado são os focos principais de abordagem (PRODANOV. 2013, pág.70)*, por isso, tal pesquisa é descritiva e é nessa troca de informações busca-se meios mais eficazes e adequados de lidar com os alunos em meio a pesquisa, tendo como suporte as pesquisas bibliográficas.

Sobre a pesquisa qualitativa, Ludke e André (2011):

[...] a pesquisa qualitativa supõe o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada, via de regra através do trabalho intensivo de campo [...]. O pesquisador procurará presenciar o maior número de situações em que está se manifeste o que vai exigir um contato direto e constante com o dia-a-dia escolar. (p. 11)

A pesquisa qualitativa permite assim melhor compreensão para com o ambiente, facilitando o andamento da pesquisa que necessita compreender e alcançar seus objetivos, onde o pesquisador está em contato direto com a sala e os alunos, submetendo-se aos percalços do dia-a-dia e aprendendo a lidar com eles. Através da observação é que se pôde realizar a pesquisa e perceber as dificuldades da turma, pois *a observação é uma técnica de coleta de dados para conseguir informações e utilizar os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos*

*que se desejam estudar (LAKATOS. 2008, p.192), por isso se atentou a todos os fatos ocorridos no período passado com a turma durante a aplicação das atividades, buscando compreender as dificuldades que necessitam de atenção.*

## **2.2 MÉTODO DE ABORDAGEM**

Utiliza-se o método Dialético para abordagem, pois este fornece “as bases para uma interpretação dinâmica e totalizante da realidade” Gil, (2008, pág. 14), já que este método de abordagem permite a mudança dos fenômenos, pois *o fim de um processo é sempre o começo de outro (LAKATOS; MARCONI, 2007, pág.101)*, mostrando que pode haver diferenças e igualdades, as ideias podem estar em concordância ou não, dependendo do contexto:

[...]já que estabelece que os fatos sociais não podem ser entendidos quando considerados isoladamente, abstraídos de suas influências políticas, econômicas, culturais etc. Por outro lado, como a dialética privilegia as mudanças qualitativas, opõe-se naturalmente a qualquer modo de pensar em que a ordem quantitativa se torne norma. Assim, as pesquisas fundamentadas no método dialético distinguem-se bastante das pesquisas desenvolvidas segundo a ótica positivista, que enfatiza os procedimentos quantitativos (GIL. 2008, pág. 14).

O método de pesquisa dialético assume papel importante para a compreensão da pesquisa, pois traz consigo a ideia de que a realidade está sujeita a mudanças o tempo todo. Então é inevitável querer estudar um fato isoladamente ou ainda crer que aquilo que é descoberto permanecerá da mesma forma. “Para a dialética, as coisas não são analisadas na qualidade de objetos fixos, mas em movimento: nenhuma coisa está “acabada”, encontrando-se sempre em vias de se transformar, desenvolver: o fim de um processo é sempre o começo de outro” (LAKATOS. 2003, p.101). Busca-se através da dialética interação entre autores que reafirmem a ideia aqui abordada. Suas contribuições são de extrema importância para o resultado dessa pesquisa.

## **2.3 MÉTODO DE PROCEDIMENTO**

Para orientar e ajudar a conduzir a pesquisa utiliza-se o método de procedimento Monográfico que nos possibilita o estudo aprofundado do tema, dando ênfase à relevância que esse projeto possui para a comunidade escolar. Gil, (2008. pág. 18) diz que o método de procedimento monográfico, *parte do princípio de que o estudo de um caso em profundidade pode ser considerado representativo de muitos outros ou mesmo de todos os casos semelhantes.*

*Esses casos podem ser indivíduos, instituições, grupos, comunidades etc.* encaixando perfeitamente com a pesquisa aqui abordada já que este *processo de pesquisa visa a examinar o tema selecionado de modo a observar todos os fatores que o influenciam, analisando-o em todos seus aspectos* (pág.39), seja em grupos sociais, instituições, comunidades. Se aprofunda tanto a coletividade, quanto o individual, dependendo do seu objeto de estudo.

## **2.4 TÉCNICAS DE PESQUISA**

A técnica de pesquisa são as formas operacionais que serviram para coletar os dados que trazem veracidade ao que se é investigado.

A presente pesquisa deu-se por meio da Observação Direta Extensiva registrada em documentos, já que, segundo Severino (2007) documento:

É toda forma de registro e sistematização de dados, informações, colocando-os em condições de análise por parte do pesquisador. Pode ser tomada em três sentidos fundamentais: como técnica de coleta, de organização e conservação de documentos; como ciência que elabora critérios para a coleta, organização, sistematização, conservação, difusão dos documentos; no contexto da realização de uma pesquisa, é a técnica de identificação, levantamento, exploração de documentos fontes do objeto pesquisado e registro das informações retiradas nessas fontes e que serão utilizadas no desenvolvimento do trabalho. (p.124)

Sendo assim, registra-se no caderno de campo todo o tipo de ação ocorrida durante a pesquisa. A coleta de dados também se deu através de questionários e formulários, onde houve uma interlocução planejada, constituída por um conjunto de perguntas pré-elaboradas, ordenadas, e pré - testadas, sequencialmente dispostas em itens que constituem o tema de pesquisa, com o objetivo de suscitar as respostas dos informantes, sendo desnecessária a presença do pesquisador na produção dessas respostas (PROFORMAR, 2005 pág. 42), sem deixar de lado o caderno de campo que auxiliou nos registros das atividades. A pesquisa parte da descrição das atividades sem manipular os dados, *os fatos são observados, analisados, classificados e interpretados, sem que o pesquisador interfira sobre eles* (pág.52). Por isso também, usou-se do registro de imagens fotográficas das oficinas e atividades realizadas para a demonstração e comprovação dos dados e também como levantamento de dados.

## **2.5 INSTRUMENTOS**

Bem se sabe que os instrumentos são indispensáveis para o pesquisador obter as informações que precisa. Sendo assim, para cumprir e alcançar os objetivos traçados e

propostos nessa pesquisa, utiliza-se instrumentos como livros e artigos que também retratem este tema. Para Gil (2008, pág. 50),

[...] quase todos os estudos sejam exigidos algum tipo de trabalho desta natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. Parte dos estudos exploratório podem ser definidos como pesquisas bibliográficas, assim como certo número de pesquisas desenvolvidas a partir da técnica de análise de conteúdo (GIL. 2008, pág. 50).

Analise essa que será das obras consultadas que ajudaram no reforço do tema, e na documentação elaborada durante a pesquisa, como os registros e questionários que são aplicados e o caderno de campo com a descrição das atividades e das observações feitas no momento em que as oficinas foram aplicadas.

E esse tipo de pesquisa e coleta de dado consiste no esforço do pesquisador em realizar um levantamento bibliográfico sobre o tema, para aplica-lo finalizando com a coleta dos resultados.

### **3. ANÁLISE E APRESENTAÇÃO DE RESULTADO**

Para a coletar os dados referentes a essa pesquisa, utilizou-se além dos questionários outro recurso importantíssimo para registrar os acontecimentos observados durante as atividades, este instrumento extra foi o caderno de campo que contém anotações relevantes para a veracidade da pesquisa, como data e descrições das atividades, também alguns rascunhos que descrevem o ambiente escolar e as reações dos alunos durante a aplicação de toda a oficina realizada em sala. Partindo do caderno de campo, houve uma organização melhor de ideias daquilo que se ia fazer e daquilo que já havia sido feito.

Essa pesquisa foi feita em uma escola pública da rede municipal de Parintins localizada ao lado oeste da cidade. A escola escolhida trabalha as séries de 1º ao 9º ano do Ensino Fundamental nos turnos matutino e vespertino, atendendo uma faixa etária de alunos de 6 a 15 anos e toda a instituição colaborou abertamente para que todas etapas da pesquisa fossem realizadas com sucesso.

Na escola selecionada há matriculados 395 alunos. Desses 395 alunos, contou-se com uma turma de 39 alunos do 6º ano. A coleta de dados deu-se a partir das oficinas e do questionário distribuídos a toda classe após a realização de três oficinas que ocorreram em dias diferentes. Partindo dessa coleta, organizou-se os dados e os analisou conforme visto abaixo.

#### **3.1 DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES**

As oficinas iniciaram no dia 19/10/2017 (quinta-feira), onde foi cedido o 5º tempo para que os alunos começassem a participar da atividade.

Antes da oficina começar, houve uma rápida conversa sobre as fábulas para saber se eles tinham algum conhecimento sobre esse gênero. Todos os alunos pareciam saber muito do bem do que se tratava e quais eram as principais características de uma fábula, dizendo que já haviam lido no livro didático. Em seguida, iniciou-se a oficina que foi denominada “Criando a moral da história”. A oficina funcionou da seguinte maneira: foram levadas várias cópias de fábulas de Esopo para os alunos lerem. Importante ressaltar que as fábulas eram diferentes umas das outras. Após a leitura, pediu para os alunos criarem a moral das fábulas com base naquilo que eles entenderam, depois eles fizeram uma leitura compartilhada com os colegas, tanto da fábula escolhida quanto da moral criada. A atividade teve um resultado positivo, pois todos os alunos interagiram e participaram ativamente.

Aqui estão algumas morais tanto da história quanto das escritas pelas crianças. Essas morais aqui apresentadas estão escritas tais quais as crianças escreveram durante a atividade proposta, nem uma palavra foi alterada ou corrigida:

1. Fábula: **O cachorro, o galo e a raposa**

**Moral da História:** Quem usa de má fé para explorar a boa fé, de boa fé será explorado pela má fé.

**Moral criada pelo aluno:** O mentiroso engana e é ele quem sai perdendo.

2. Fábula: **Os dois viajantes e o urso**

**Moral da História:** A crise é o melhor momento para revelar quem são os verdadeiros amigos.

**Moral criada pelo aluno:** Amigo covarde é quem pensa em si mesmo e, em momentos difíceis seus, te abandona. Não tenha amigos assim.

3. Fábula: **O lobo, o cabrito e a cabra.**

**Moral da História:** Sábio é aquele que confia sempre com um pé atrás.

**Moral criada pelo aluno:** Pense duas vezes antes de agir ou dara tudo errado

Como percebe-se, o aluno tem um entendimento abrangente sobre as questões apresentadas na morais, eles compreendem perfeitamente o que cada história tentou ensinar, mesmo ainda tão pequenas, eles são perfeitamente capazes de interpretar um texto e reescreve-lo com suas próprias palavras. Assim como o aluno pode compreender, ele pode tomar de exemplo para si cada questão ali trabalhada e ele próprio reconhece isso ao ponto de se questionar sobre o certo e o errado. E se o aluno reescreveu com tanta propriedade a moral da história, é porque a compreensão que ele teve sobre ela foi boa, eliminando qualquer comentário que possa sugerir que crianças de 6º ano não são aptas a interpretar. Elas são sim e muito.

A partir da moral criada pelos alunos se tem a noção do entendimento de mundo que eles possuem. Apesar de a moral não ser completamente idêntica, nota-se que eles conseguem tirar lições dali e repassá-las muito bem.

Os alunos liam e reliam a história a fim de tirar dali a melhor frase possível que se encaixasse em uma moral, analisando com que finalidade aquela história foi construída e repassavam para o papel sem ao menos ter noção de como era a real moral da história. Como a dinâmica da atividade era criar a moral da história e depois apresentá-las aos colegas, aconteceu uma breve conversa sobre as narrativas lidas por cada um e através da discussão, eles puderam perceber que o ponto de vista do colega era diferente ou similar ao seu.

Houve troca de ideias e palpites, houve também o bom aproveitamento da leituras e oficinas, já que através do desenvolvimento na frente da sala eles trabalharam um pouco da oralidade e desenvoltura perante os colegas. Isso permite a quem observa a atividade, notar quem na sala tem mais dificuldade na leitura, oralidade e expressão. E isso é favorável, porque o professor que está conduzindo a atividade pode ajudar muito mais na produção do aluno.

A segunda oficina aconteceu no dia 20/10/11 (sexta-feira) e foi desenvolvida no 2º tempo de aula. Antes do início da atividade, deu-se um breve conceito do que era um apólogo, já que essa oficina em especial trataria de tal gênero textual. Diferente do dia anterior, as crianças pareciam saber pouco da existência de tal gênero, pouquíssimas sabiam sobre o que se trataria esse tipo de texto e quais seriam suas características, mas com uma pequena conversa antes do início da atividade, ficou tudo muito mais compreensível para os alunos que desconheciam o conceito de apólogo. Essa oficina contou com um atrativo especial através do teatro de fantoche baseado no texto “Um apólogo” de Machado de Assis. O texto foi distribuído a toda a turma, todos tiveram um tempo para ler e uns até disseram já ter visto esse texto no livro Didático; em seguida, foram escolhidas 4 alunos para participarem da apresentação com o teatro de fantoche, sendo que 3 deles atuaram como personagens e 1 como narradora. Após a

encenação, houve o momento de recepção do texto, onde a pesquisadora e alunos compartilharam opiniões sobre as situações que a história abordara.



(Teatro de fantoche do texto “Um apólogo”, de Machado de Assis)

Os alunos debateram muito sobre a história, inicialmente, com três perguntas bem breves “Quem aqui se considera linha? Quem se considera agulha? E quem se considera alfinete?” A cada pergunta, algumas mãos se levantavam, outras apontavam para os colegas que se defendiam dizendo que o personagem não tinha nada a ver com a personalidade e nem com as atitudes deles, ou, concordavam com as acusações com a justificativa de que tudo dependia das ações dos colegas, pois se fossem boas, teriam uma boa retribuição e se fossem ruins, teriam em troca atitudes ruins.

Outra pergunta que fora lançada foi “Vocês já passaram por alguma situação parecida?”. Todos responderam que sim. Um dos alunos disse que na escola, quase todo dia, ele presencia colegas em discussões nas quais “um quer ser melhor que o outro, professora, as vezes por causa da cor ou só porque tem um pouquinho mais de dinheiro” disse uma aluna. Perguntei “E o que vocês pensam sobre esse tipo de atitude?”. Alguns alunos disseram que não pensavam nada quando a “implicância” não era com eles, outros disseram que não concordavam porque é errado e que os professores e seus pais estão sempre incentivando que eles não briguem porque é uma coisa feia criança brigar. Então questionei, “Mas vocês acham que os adultos não têm esses tipos de atitudes?”. Uma aluna respondeu “Por aí anda cheio de pessoas, tanto grande quanto pequenas, sendo alfinete, linha e principalmente agulha, professora”, e o colega rebateu, “mas nem todos são, professora. A minha mãe e meu pai são muito legais, e eles não brigam e nem se metem na briga dos outros” e todos acabaram dando boas gargalhadas.

Por último, perguntei a eles “E esse texto trouxe alguma reflexão para vocês?”, e eles responderam um sonoro “Sim”, então fui perguntando o “o que vocês pensaram?”, as respostas foram muito parecidas e surgiam de todos os lados. As principais foram: “brigar é muito feio”,

“não ser implicante”, “não se achar melhor que ninguém”, “ser humilde sempre”, “não zombar do colega porque somos todos iguais”.

A parte que mais fez os alunos refletirem foi com certeza na fala do alfinete a agulha:

- *Anda, aprende, tola. Cansaste em abrir caminho para ela e ela é que vai gozar da vida, enquanto aí ficas na caixinha de costura. Faze como eu, que não abro caminho para ninguém. Onde me espetam, fico.*  
(ASSIS.ANO, pág. )

Notou-se nesta atividade o posicionamento dos alunos perante as atitudes que personagens apresentaram durante toda a narração. Eles tem a total noção do que ali é caracterizado como certo e errado, também reconhecem suas semelhanças e diferenças com os personagens e não se mostraram nem um pouco tímidos ao apontar o defeito no outro e em si mesmo. A reflexão que cada um fez após a apresentação do teatro de fantoche foi muito relevante para reconhecer o grau de compreensão que os alunos tiveram sobre o texto, compartilhar as opiniões também foi propício, pois foram apresentadas várias visões sobre o mesmo, algumas que divergiam e outras que se complementavam, já que o texto literário permite receber vários e se entende por aí que a verdade não é absoluta, porque nem todos pensam iguais.

A terceira e última oficina aconteceu no dia 23/10/17 (segunda-feira), no 5º tempo de aula. Nessa oficina, foi distribuído aos alunos várias fábulas e apólogos do livro “Fábulas e apólogos da Amazônia”, de Creuza Barbosa e Adriana Barbosa Silva (2014), mas foi trabalhado em especial a fábula “O tambaqui e o Jaraqui” e o apólogo “O tucumã e a pupunha”, onde foram escolhidos 6 alunos que se dividiram em dois grupos composto de narrador e personagem. Usando máscaras, os alunos encenaram as histórias para toda a turma. Também houve a hora da recepção dos alunos e nesse momento eles discutiram brevemente tanto o texto em que foi encenado pelos colegas como os que eles pegaram para ler.

A discussão sobre os textos encenados foi bem breve, já que os únicos que leram foram aqueles que encenaram. Os colegas apenas deram algumas contribuições sobre aquilo que entenderam. Como foram alunos diferentes que apresentaram as fábulas destinadas a atuação, cada qual comentou um pouco sobre a fábula que encenou.

O primeiro trio que apresentou a fábula “O tambaqui e o jaraqui” comentou que ao ler a história achou meio confuso, por questões de não saber mesmo pronunciar alguns nomes que

ali estavam presentes, como os dos frutos da “abiorana”, a narradora disse “nem sabia que existia essa fruta, professora”. Isso faz perceber quanta coisa ainda é desconhecida por eles e também por nós, no espaço Amazônia. Então, perguntou-se se eles gostaram da história. Todos responderam que sim e principalmente porque tinham encenado. Depois a pergunta se direcionou a toda a classe e todos responderam positivamente. Logo em seguida, perguntou-se se a história trouxe alguma reflexão pra eles, os primeiros a responder foram aqueles que leram e encenaram. O narrador respondeu logo, dizendo “Sim, principalmente a moral da história que diz que ser humilde faz a gente alcançar a felicidade”. O aluno que fez o personagem do Tambaqui disse “aprendi que a gente não tem que se achar melhor”, e por último, o aluno que fez o Jaraqui disse “ a nossa humildade é que é bonito, a gente tem que ser legal e humilde sempre, sem se achar”. Depois perguntei se os colegas da turma concordavam com eles e com o que eles refletiram sobre a fábula, todos concordaram e elogiaram a interpretação dos colegas.

Os alunos estão sempre em contato com os colegas e passam por situações bem parecidas com essa, então por isso, quando se oportunizou que eles expressassem aquilo que sentiram e pensaram quanto a história e toda a moral nela apresentada, eles não tiveram nem uma dificuldade em dizer o que achavam, porque eles se identificaram com a situação, com toda temática ali abordada. E isso é bom para quem quer usar textos como forma de repassar alguma lição em sala de aula porque a partir do momento em que aluno se vê no texto, ele compreenderá melhor suas atitudes e as consequências do certo e do errado.

As reflexões com parte na fábula “O jaraqui e o tambaqui” se deram em especial por parte da moral da história:

<p><i>Moral: Servir os humildes é um meio de alcançar a felicidade.</i> (BARBOSA, SILVA. 2014. pág. 76)</p>
---

A moral da história sempre dá muito mais o que falar, porque os alunos encontram ali a mensagem central e principal de todo o texto. Aquela mensagem mexe muito com eles, porque eles se identificam e relembram coisas que os fazem pensar que aquilo se encaixou perfeitamente em tal momento da vida deles e com base naquela reflexão eles entendem melhor as situações pelas quais passam diariamente. Isso os torna capaz de opinar com mais certeza, usando bons argumentos que reforcem sua ideia sobre toda a situação.

Na segunda apresentação, mais três alunos encenaram, a narrativa chama “O tucumã e a pupunha”. O mesmo processo realizado na primeira fábula também se repete nesta aqui. Após

a encenação, perguntei também se os alunos tinham gostado da fábula que leram e encenaram e eles disseram que sim e acharam a história engraçada, o restante da turma concordou, afinal, não é todo o dia que veem uma pupunha e um tucumã brigando, sendo que essas frutas eles conhecem bem. Em seguida, perguntei aos três que tipo de reflexão esse texto trouxe para eles. O primeiro disse “parece um pouco com a história de ontem, da linha e da agulha. Me ensinou a mesma coisa, a não me sentir melhor que ninguém porque somos todos importantes”. O aluno que encenou o tucumã disse “ a gente tem que ser legal um com o outro e não desprezar ninguém”, e por fim, o aluno que fez a pupunha disse, “a gente é diferente, mas isso que é mais legal. Todos somos importantes”. Perguntei ainda se eles se identificaram com os personagens e só o aluno que encenou a pupunha disse que “sim”, porque ele conseguia ver que todas pessoas do mundo são importantes, igual como a pupunha conseguia ver que todos os frutos eram importantes. O restante da sala dividiu opiniões, uns disseram que se viam como tambaqui, outros como jaraqui. Uns apontavam para os colegas dizendo parecer o tucumã que se achava o gostosão, e recebiam como resposta um sonoro “ isso é mentira”. A pupunha foi a personagem mais aceita, já que ensinou uma boa lição ao tucumã e os alunos disseram ver o mundo e as pessoas como a pupunha via as outras frutas.

Alguns acharam a história inteira engraçada pelo fato de serem dois frutos de nossa região que eles sabem que são seres inanimados, mas até esses reconheceram a reflexão que o texto apresentou.

A parte mais comentada também foi a moral, e um dos alunos disse que alguns colegas da sala mereciam ouvir essa mensagem mais do que outros:

*Moral: Ninguém deve se julgar melhor do que os outros. Cada um tem o seu valor. (BARBOSA; SILVA. 2014. pág.90)*

Reafirmando a ideia que eles já tinham sobre o que queria dizer a história. A moral causou alguns atritos na sala, tal qual na segunda oficina, onde um apontava para o outro julgando ser pupunha ou tucumã, mas no fim, houve a discussão e o incentivo para que todos evitassem ao máximo tanto as discussões como também atitudes parecidas com as das personagens.

As discussões que partiram dessas leituras favoreceram os alunos em muitos aspectos, além daqueles já muito citados aqui, eles puderam ouvir a opinião do colega, concordar e discordar trabalhando o senso crítico-reflexivo. Sem contar que através dessas discussões

também se conheceu muito sobre a realidade do aluno, as vezes usando de exemplos pessoais para mostrar que compreendeu e que refletiu sobre isso. Toda contribuição é válida, já que o objetivo da oficina era realmente motiva-los a ler e refletir sobre a narrativa, para que dali eles extraíssem coisas boas que pudessem levar para toda a vida.

Em todas as oficinas houve uma participação intensa dos alunos, que leram e compartilharam o pensamento, mesmo que houvesse algum tipo de discordância com base em uma só história, o objetivo de propor a reflexão era sempre alcançado.

### **3.2 A INTERAÇÃO ENTRE OS ALUNOS DURANTE AS OFICINAS.**

De início, é claro que para os alunos tudo é muito novo e toda atividade que se diferencie das aulas comuns despertam neles uma grande animação. A conversa no início das oficinas os ajudou a confiar na atividade e a interagir na sala. Bastou dar uma oportunidade para que todos dessem suas opiniões sobre os temas abordados e situações vividas em associação com as histórias lidas. Houve um pouco de dificuldade para iniciar a conversa, quando somente um ou outro se prontificava a ler ou opinar sobre os assuntos. Então, foi possível notar a timidez e o medo de errar pelo fato tanto de ter pessoas conhecidas como também desconhecidas dentro da sala e aí então surgiam mais conversas.

Através da leitura realizada dentro da sala, pode-se notar a falta da prática dessa ação. A leitura era baixa e quase não se entendia, havia pausas muito longas nas discussões promovidas dentro da sala que se percebeu a necessidade do incentivo, a conversação e a diferenciação dentro do ambiente escolar. Foram poucos os alunos que afirmaram que não gostavam de ler nem um pouco, o que deu a entender que ainda dá tempo de trabalhar essa problemática na escola, a pois falta práticas que desenvolvam a competência oral do aluno e deixarem de lado o “poder transformador da palavra na organização da vida social” (AMOR. 2013, pág.16). Os alunos precisam então desenvolver a oralidade para expandir seu leque de conhecimentos e melhorar a sua comunicação diária.

As melhores formas que qualquer aluno tem para conhecer novas palavras e os sentidos nos quais elas se aplicam é através da leitura, pois “aprender a ler é aprender a construir sentido e tudo que não conduzir diretamente a este resultado não pode pretender ser uma aprendizagem de leitura” (CHARMEUX. 1995: 88-89). Afinal, a cognição estará em constante processo de recebimento de informações e isso só enriquecerá a vida do leitor em todos os aspectos que

levam a boa interação. A própria comunicação e conversação diária em sala pode contribuir consideravelmente para isso

Uma das tarefas da educação infantil é ampliar, integrar e ser continente de fala das crianças em contextos comunicativos para que ela se torne competente como falante. Isso significa que o professor deve ampliar as condições da criança de manter-se no próprio texto falado. Para tanto, deve escutar a fala da criança, deixando-se envolver por ela, ressignificando-a e resgatando-a sempre que necessário. (BRASIL. 1998. pág 135)

Muito além de somente incentivar a leitura de fábulas em sala de aula, a oficina ajudou também os alunos a desenvolverem a prática oral, já que ao fim de cada leitura, eles tinham que compartilhar seu entendimento sobre as histórias. O reforço de tal prática poderá ajudar muito futuramente os alunos, que agora se encontram muito acanhados e com dificuldades em lidar com o público. Percebe-se que as leituras não são tão boas e a dicção de muitos é péssima. Sem contar que esses tipos de atividades ajudam muito também na postura do aluno diante das pessoas e como aprender a dominar o nervosismo diante do público.

É claro que em nem todas as escolas, os alunos se dispõem a ler e participar tão ativamente desses tipos de atividades, mas acredita-se que é nessas séries que ainda se têm a oportunidade de formar bons leitores através de atividades diferenciadas que chamem a atenção dos alunos, promovam a boa interação entre os colegas e garantam a absorção de conhecimentos, afim de que possam que futuramente utilizar de tudo que foi aprendido da melhor maneira possível.

### **3.3 O OLHAR DO ALUNO SOBRE A LEITURA E OS GÊNEROS FÁBULAS E APÓLOGOS**

Neste tópico são apresentados alguns dados coletados no questionário aplicado aos alunos em uma escola da rede pública de Parintins, onde se trabalhou apenas com uma turma do 6º ano matutino composta de 39 alunos.

A coleta de dados se deu no dia 10/11/17 no 5º tempo de aula com um questionário composto de 8 perguntas abertas, todas referentes ao tema proposto. Dos 30 questionários, foram escolhidos apenas 5 de maneira aleatória para melhor discussão do assunto. Para preservar a identidade dos alunos, os nomes não serão citados. Por isso, os mesmos serão identificados como alunos A1, A2, A3, A4, A5.

O questionário foi elaborado com a intenção de compreender até que ponto os alunos conheciam ou já haviam ouvido falar sobre fábulas e apólogos e se esses gêneros interferiam

de alguma forma na vida deles. As respostas estão colocadas conforme o que os alunos escreveram. O questionário inicia-se com uma pergunta básica, apenas para saber se os alunos já conheciam o gênero que fora trabalhado, como mostra a tabela a seguir com a pergunta e as respostas:

P 1. Você já conhecia os gêneros fábulas e apólogos?

A1 Sim. Porque eu sempre leio em livros e etc.

A2 Sim

A3 Sim, eu vi no livro de Português do 5 do ano.

A4 Sim mas na oficina consegui aprender mais

A5 Sim já conhecia.

Basicamente a resposta de toda a turma foi sim, pois já tinham ouvido, levando muito mais em consideração as fábulas, que é um dos textos mais trabalhados nas séries iniciais por conta da ludicidade e do interesse que desperta nos alunos. As fábulas também são muito utilizadas nas séries consequentes, tanto que os alunos comentaram que viram fábulas em diversos livros didáticos de séries diferentes. Claro que este tipo de texto é bem mais trabalhado nas series iniciais, pode ser trabalhado em outros níveis de ensino. Os dois gêneros possuem uma característica que pode ser utilizada por muitos fins, pelo caráter reflexivo que elas apresentam, pela ludicidade e descontração; não é um texto chato e maçante, geralmente são curtos e encantam adultos e crianças. Mas há quem julgue muito infantil este tipo de narrativa, o que é um completo engano, as fábulas e apólogos não tem faixa etária e são compreensíveis e pedagógico a qualquer tipo de público. A fábula ainda se destaca bem mais do que um apólogo, porque elas são mais discutidas e mais trabalhadas em sala de aula. É um dos gêneros mais lidos e mais querido como mostra o quadro seguinte:

P 2. Você gosta de ler ou ouvir fábulas?

A1 Sim. Porque tem histórias muito legais

A2 gosto muito por que tem uma moral de historia

A3 Sim, por quê através das fabulas a gente aprimora os saberes.

A4 Sim porque elas sempre ensinam algo no fim delas

A5 Gosto um pouco só

Como se vê na tabela acima, as fábulas são aceitas e todos sabiam explicar as características principais desses gêneros. A maioria tinha uma boa história que já havia lido uma vez ou outra em algum lugar ou até mesmo na escola. Alguns ressaltaram bastante o livro didático da série anterior, onde já haviam tido contato com algumas fábulas mais conhecidas como “A tartaruga e a lebre” ou ainda “O galo e a raposa” e reconhecem que a fábula agrega saberes a vida, como ressalta A2, A3 e A4. Mas como bem se percebe, nem todos os alunos tem afinidade com esses gêneros. E eles aceitam os trabalhos e até se divertem com eles, mas ainda existem alguns alunos que gostam de ler bem pouco as narrativas, como mostra a última resposta do questionamento, do aluno identificado como A5. Diferente das fábulas, os apólogos não são gêneros tão conhecidos. Os alunos já ouviram falar e talvez até leram, mas ainda assim, eles dizem preferir a fábula, mesmo que o apólogo se assemelhe muito e se diferencie do outro gênero por pequenas coisas. Ainda assim, o apólogo não ganha o gosto absoluto dos alunos:

P 3. Você gosta de ler ou ouvir apólogos?

A1 Sim. eu gosto muito porque sempre tem uma moral no final

A2 sim e muito legal

A3 Mais ou menos, por quê pra mim é meio estranho os objetos conversarem

A4 Só um pouco gosto mais de fábulas

A5 Mais ou menos

Fábulas e apólogos tem suas semelhanças e diferenças, mas ambos divertem e usam do imaginário para existirem, chamam atenção pelos personagens e as situações. Foi notório que os alunos ainda não tinham ouvido falar sobre apólogos e foi somente após uma breve explicação do que viria a ser esse gênero na primeira oficina realizada é que se percebeu um pouco de compreensão por parte deles no assunto. Mesmo sabendo que fábulas e apólogos são duas narrativas muito parecidas, os alunos ainda optam por fábulas como mostra a resposta do aluno A4, sendo que os professores já trabalharam muitos apólogos com eles.

O resultado da pergunta talvez se dê porque eles não conhecem os apólogos há mais tempo que as fábulas. Para eles, o apólogo é um gênero novo e que aborda personagens estranhos como demonstra A3. Então a familiaridade com tal gênero é pequena ainda e isso faz com que eles ainda considerem um melhor que o outro. Mas, várias são as formas que esses tipos de textos têm para atrair o seu leitor e convidá-lo a ler mais e mais, como mostra a tabela abaixo:

P 4. O que você mais gosta nesse tipo de história?

A1 Que elas são histórias de uma moral ou até mesmo, conseguimos tirar alguma coisa para nós.

A2 de emoção

A3 Da moral da história por quê elas passam uma lição de vida.

A4 A moral delas

A5 Gosto de história que tem um sentimento sobre amigo

Como se percebe, a moral da história chama muita atenção das crianças. As narrativas já vêm apresentando uma causa e uma consequência e a moral da história surge nesse momento como reflexão profunda sobre atitudes vividas e observadas. Isso se reflete bem na resposta de A1. Os alunos percebem isso muito bem, por isso eles se agradam muito mais das morais segundo A3 e A4, porque encontram nelas orientações para que não cometam erros que podem se arrepender, e porque praticar a justiça parece muito melhor aos olhos de uma criança. Os alunos conseguem captar rápido as orientações que as histórias passam de uma maneira lúdica, se identificando-se com personagens e as situações mesmo que involuntariamente. Eles aprendem sem querer e aquilo permanece em sua mente porque foi apresentada a elas de maneira divertida. O quadro abaixo reforça ideia de aprendizado os alunos a partir das histórias.

P 5. A moral da história te ensina alguma coisa? Explique.

A1 Sim. Pois fazemos coisas pensando em nós, não nos outros. Pensamos só no nosso próprio bem.

A2 sim quando tem alguma coisa que eu errei eu me reflito naquela moral

A3 Sim, por quê ela me faz refletir sobre o que é bom ou ruim.

A4 sim por que ela me faz refletir nos meus atos

A5 Sim, por que a moral significa muito pra mim, as palavras da moral agente aprendi muito mais.

Através da lição de moral o aluno pode refletir e comparar os atos dos personagens da história com seus próprios atos. Ele se encontra naquela história e todas as descrições nela o faz adentrar no enredo de um jeito único e particular.

A moral das fábulas e apólogos permite gerar no aluno uma crítica sobre si mesmo como sujeito de uma sociedade, mesmo que ele não perceba, acaba se encontrando na história, tanto que as vezes eles concordam e discordam das morais, ou acham que ela não condiz com a história. Isso se dá porque ele já criou a própria concepção sobre o fato que a narrativa retrata e ele precisa que a moral exposta nela possa condizer com os seus pensamentos. A partir disso ele só aprende e reformula pensamentos.

A moral permite a criança captação da mensagem principal e que papel cada personagem ali exerce, identifica com facilidade também o lado bom e lado mau, o que deve ou não fazer, porque através dessa moral, eles podem colocar suas atitudes em julgamento e refletir sobre tudo como indica A1 A2 A3 e A4, por isso estão em constante aprendizado, como indica a A5.

P 6. Você acha que esses tipos de textos podem ajudar a conhecer o que é certo e errado?

A1 Sim. Pois assim podemos saber o que eu posso e o eu não posso fazer ou dizer alguma coisa que ofenda alguém

A2 claro algumas pessoas gostao de humilha os outros mais estes endividados não sabem o que aquela pessoa ta passando

A3 Sim por quê tem vários exemplos nas histórias

A4 Sim cada um encina algo que podemos ver se é errado ou certo.

A5 Sim, pode por que muitas pessoas cometem erros, e depois concertam.

As fabulas e apólogos ajudam muito na construção de caráter e até as próprias crianças reconhecem que as histórias e as morais que elas apresentam ajudam muito na compreensão de certos momentos da vida, porque as situações são similares e os alunos se identificam com esses tipos de textos com facilidade, apesar do imaginário estar muito presente quando os personagens principais são animais e eles agem, fala e pensam como seres humanos. Isso torna o texto mais interessante, ainda mais quando os alunos geralmente não têm o hábito de ler. São textos curtos, carregados de ludicidade e diversão, propícios para o incentivo à leitura.

O impasse do lado bom e do lado ruim favorece a leitura das crianças que sempre continuam mais e mais. Elas buscam a solução do problema inicial, e as fábulas e apólogos só

apresentam as soluções dos problemas iniciais no final. Logo em seguida, aparece a moral, que como já dito muitas vezes, traz a reflexão. Essa reflexão acompanha toda a história e resume em poucas linhas todo o pensamento e toda a trama.

São poucas as fábulas nas quais o vilão é quem se dá bem, como na fábula “A garça e o lobo”, que mesmo com o final não esperado, a moral da história oferece uma ótima reflexão, o que nos dá a entender na tabela a partir da resposta dos alunos A1, A2, A3, A4 e A5, que tudo serve de aprendizado.

P 7. Na sua opinião, esses textos parecem com a nossa realidade? Porque?

A1 Sim. Porque nosso país é dividido por desigualdades sociais, cor, religião e até mesmo por coisas que gostamos de fazer.

A2 Sim por que muitas coisa acontecem enesperavel

A3 Sim, por isso que ela tem essa moral para ensinar o que é certo ou errado e tem muito aver com a nossa realidade

A4 Ambus porque eles transmitem assões como a inveja, bondade e tudo o que acontece todos os dias

A5 As vezes tem, por que raramente comparevel com a vida do ser humano.

Embora com a faixa etária entre 11 a 12 anos, os alunos já têm um grande conhecimento de mundo e são sabedoras de problemas que abalam toda uma sociedade, tem suas próprias opiniões e as mostram na primeira oportunidade. Quando surgem textos do tipo que elucidam fatos vividos no cotidiano, eles se verem dentro da situação demonstrado. Como se pode ver a partir das respostas de A1, A2, A3 e A4. Isso permitirá que o aluno entenda o texto e às vezes até chegue a gostar dele, ainda mais se o texto lhe apresentar uma solução ou alguma reflexão benéfica, de uma maneira divertida e elucidativa como é o caso das fabulas e apólogos.

Esses textos ajudam a apresentar uma realidade do aluno não tão dura assim, mas que não deixa de ser fato. Isso é propicio até para os professores que souberem desfrutar dessas qualidades que a fábula e o apólogo oferecem, através de atividades e oficinas que possam trabalhar com base no cotidiano e nas situações mais corriqueiras do dia-a-dia. E os alunos entenderam. Eles se encontraram nas histórias e aprenderam com ela, porque elas são histórias reais, mas vividas por seres extraordinários que acreditamos ser irracionais e segundo a ciência,

realmente são. Mas isso é fantástico para uma criança que aprenderá a lidar com a vida de uma maneira mais simples e mais fácil.

- P 8. Você gostaria que trabalhassem mais fábulas e apólogos em sua sala de aula?
- A1 Sim, porque hoje parecem que nem existem mas de tão esquecida que estão.
- A2 Sim
- A3 Sim, por quê eu amei trabalhar com as fábulas e a professora Lorena troxe de volta o que a muito tempo eu não havia mais lido na minha vida muito obrigada Professora Lorena
- A4 Sim para nos distrair um pouco mais
- A5 Gostaria e muitas vezes se pudesse

A partir desse questionamento, foi possível ver como as crianças da sala querem atividades como essa na escola. Essa conclusão se tem a partir da resposta do último aluno, aqui identificado como A5, levando em conta outros fatores que indicam que ações envolvendo a leitura desses gêneros favorecia todas as áreas da escola, valores seriam agregados a discussões dos apólogos, pensamentos positivos e críticos seriam trabalhados nas fábulas.

Ensinar brincando é a forma mais certa de que os alunos irão se empolgar e sempre querer mais e mais, e uma descontração ou outra sempre é bom para quebrar a rotina maçante de dias pesados como bem revela A4. Sem contar que a partir disso os alunos puderam rever gêneros que eles dizem ser esquecidos como diz A1 e A3, pois apesar desses gêneros serem propícios ao aprendizado de várias disciplinas, eles estão sendo pouquíssimos utilizados ou são utilizados de uma maneira que os alunos não percebiam que aquela narrativa é uma fábula ou um apólogo.

As oficinas e os gêneros foram vistos de forma positivas, e através deles os alunos ressaltaram várias questões sociais que foram até debatidas. Também procurou-se saber o que eles acharam das atividades, se gostaram ou não, e todos responderam positivamente.

Muito mais que somente descontrair, todo o trabalho que envolveu a oficina buscou mostrar aos alunos maneiras de se descobrir no meio social em que vivem, levando de forma indireta situações por quais eles passam quase todos os dias, abordando também os temas transversais Ética, Trabalho, Pluralidade Cultural em especial que eles próprio disseram nunca

ter ouvido falar, mas pode-se conversar um pouco sobre eles através das fábulas que trouxeram histórias que falavam de assuntos como o desmatamento, ambição, violência, discriminação, trabalho, desigualdade.

Tudo isso foi debatido no tempo cedido após o recolhimento dos questionários e foi outro momento de conhecimento não só para as crianças, mas também para a pesquisadora que pôde ouvir os pensamentos, as opiniões, os costumes. Cada criança mostrou seu jeito de ver o mundo que se dá pela maneira de como o mundo lhe fora apresentado, que entra em contradição com a visão do colega e isso foi gerando os debates.

O importante mesmo foi levar aos alunos esse conhecimento além sobre as fábulas e apólogos, sobre seus temas e suas reflexões. Sobre aquilo que é certo e errado, e um conhecimento prévio sobre os temas também, mesmo que pouco eles tenham trabalhado sobre isso. E como muitos mostraram, o tema chamou a atenção deles, tanto que durante as oficinas que tinham variadas histórias, muitos iam trocando com o colega, afim de ler o máximo de fábula e apólogos possíveis. Por isso, na hora da discussão e troca de ideias, todos estavam por dentro das histórias lidas, e eles opinavam, discordavam, concordavam, discutiam e se mostravam bem mais participativos do que o normal.

Deixou-se que falassem tudo que pensaram sobre as histórias, sendo as de destaque ou não, sobre suas reflexões e suas temáticas. A discussão foi essencial para que o ponto de vista que eles tiveram sobre a oficina e seus objetivos fossem afirmados.

## CONCLUSÃO

Tendo em vista os aspectos observados, entende-se que a falta de abordagem dos temas transversais em sala de aula ainda é muito grande. Por isso a pesquisa se fez essencial, para mostrar que esses temas que constituem nosso meio social se fazem importante em abordagens educacionais. Afinal de contas, vivemos em uma sociedade pautada em regras de bom convívio e é preciso que cada pessoa entenda seu papel como cidadão pois convive em uma sociedade com semelhanças e diferenças. Por isso é importante que ele aprenda a respeitar essas diferenças. Pensando nisso, a pesquisa apresenta uma maneira prática e simples de abordagem dos temas transversais, que auxiliariam nessa construção do ser como cidadão.

A junção fábulas e apólogos com os temas transversais salienta de maneira eficaz a abordagem de assuntos cotidianos que precisam de atenção e conhecimento por parte dos alunos. Isso abre portas para que eles possam discutir e amenizar dúvidas, entender de maneira mais simples como a sociedade funciona não dispensando o conhecimento de mundo que aluno tem, mas pelo contrário, somando e compreendendo os fatos que talvez eles já tenham passado mais nunca entendido.

A leitura das narrativas colaborou com os alunos não só no que diz respeito ao conhecimento sobre o ambiente social no qual estão em contato diário, mas também no ambiente escolar com o reforço da oralidade e o incentivo à leitura. Através das oficinas também se procurou explorar a criatividade dos alunos e sua desenvoltura perante o colega. Além do quê, durante toda a atividade, eles se mostraram participativos, mas o que se pode perceber é que falta esse incentivo a eles de ir a frente e ler uma coisa ou outra, ou ainda de participar, se envolver, de aprender brincando, eles que são criança precisam ser motivados a querer atuar, ler, ouvir contar e recontar, querer descobrir o mundo que os cerca.

Pode-se perceber que a abordagem dos temas através das fábulas e apólogos trazem ao aluno compreensão do certo e do errado e eles refletem sobre isso. Eles se identificam com a história e repensam as atitudes. E essas histórias abordam muitos assuntos, de quase todas as áreas que precisam ser trabalhadas com o aluno para que ela cresça com o pensamento de que fazer o correto.

É preciso apresentar aos alunos a literatura de maneira que eles possam se divertir com ela e para cativa-los e incentiva-los a pegar um livro, a fim de que se deliciem com as histórias, ou ter curiosidade de ler um texto diferente. A forma de como a literatura será apresentada a este aluno é que fará toda a diferença para que ele se torne um leitor motivado a sempre ler mais e mais. Textos pequenos e que tragam a ele reflexões sem perder o toque de imaginação os

conquistam e eles aprendem sem perceber. E o aluno, por mais novo que seja, reconhece fatos da vida mesmo que a história possua personagens nada comuns.

A pesquisa apresentou pontos positivos quando mostra aos alunos gêneros com os quais eles se identificaram e se sentem motivados a ler e a entender. O interesse em expor suas opiniões apontou que eles realmente gostaram da atividade e se sentiram à vontade para a explanação de ideias. E ainda chamou a atenção para ideia de projetos de leitura na escola que adentrem os temas transversais. Seria de grande valia que os professores começassem a trabalhar mais profundamente esses temas com eles, pois eles já compreendem perfeitamente todos os assuntos e quanto antes eles adentrarem este universo, melhor será para dias futuros.

A educação dos alunos do Ensino Fundamental quanto ao que diz respeito a literatura e leitura precisa ser olhada de maneira atenciosa e diferenciada. Por isso, a proposta de agregar os temas transversais nos gêneros fábulas e apólogos mostrou que as crianças sabem reconhecer os valores dentro da pesquisa daquilo que se julga certo e errado, contado que eles gostam dessas histórias e refletem com base nelas, pois que elas abordam sobre ética, meio ambiente, pluralidade cultural, orientação sexual, saúde e trabalho, e eles aprendem tanto com essas histórias que por mais que eles digam que não se identificaram com os personagens, eles acolhem suas morais, isso é sinal que as oficinas aplicadas surtiram efeito positivo. Esse tipo de trabalho poderia ser repensado na escola em prol dos alunos que ali estão, de forma que a eles fosse dedicado ao incentivo para avançar e para se conhecer, seguindo os melhores princípios e escolhendo bons caminhos.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1998.
- ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura Infantil: gostosuras e bobices**. 5 ed. São Paulo: Scipione, 2006.
- ADAM, Jean-Michel. **O texto literário: por uma abordagem interdisciplinar**. Trad. João Gomes da Silva Neto e Maria das Graças Soares. São Paulo: Cortez, 2011.
- AGUIAR, Vera Teixeira de, MARTHA, Alice Áurea Penteado. **Literatura Infantil e Juvenil: leituras plurais**. 1 ed. São Paulo: Cultura Acadêmica 2014.
- AMOR, E. **Didática do Português. Fundamentos e Metodologia**. Lisboa: Texto Editora. 2003.
- ANDRÉ, Marli E. D. A, LUDKE, Menga. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.
- ANTUNES, Irlandé. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003
- ARROYO, Leonardo. **Literatura infantil brasileira**. São Paulo: Editora Unesp. 2011.
- BARBOSA, Creuza Ferreira. SILVA, Adriana Ferreira Barbosa. **Fábulas e apólogos da Amazônia**. Ilustrado por Alcemar falcão. – Manaus: Editora Valer, 2014.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo Brasiliense 1996.
- BETTELHEIM, Bruno. **A Psicanálise dos contos de fadas**. 21 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2007.
- BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil**. 1998.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais : terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais / Secretaria de Educação Fundamental**. – Brasília : MEC/SEF, 1998. 436 p
- BUSATTO, Cléo. **Contar e encantar – pequenos segredos da narrativa**. Petrópolis: Vozes, 2003.
- CADEMARTORI, L. **O que é literatura infantil?** 6.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- CHARMEUX, Eveline. **Aprender a ler: vencendo o fracasso**. Trad. De Maria José do Amaral Ferreira. 2. ed. São Paulo, Cortez, 1995.
- CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura Infantil: Teoria e Prática**. São Paulo: Editora Ática. 1998.
- FERNANDES, M. T. O. S. **Trabalhando com gêneros do discurso: narrar fabula**. São Paulo: FTD, 2001.
- FILIPOUSKI, A.; MARCHI, D. **A formação do leitor jovem: temas e gêneros da literatura**. Erechim, RS: Edelbra, 2009.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008
- HUNT, Peter. **Crítica a literatura infantil**. Tradução Cid Knipel. São Paulo.2015.
- LAJOLO, Marisa. **Literatura: Leitores e Leitura**. São Paulo: moderna. 2011.
- LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2008.
- LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia científica**. 5. Ed. São Paulo: Atlas 2003
- MARCUSCHI, Luiz Antonio. **A leitura como processo inferencial num universo cultural-cognitivo**. IN: BARZOTTO, Valdir Heitor (Org.) Estado de leitura. Campinas, SP: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1999, p. 95-124.
- MAIA, Josiane. **Literatura na formação de leitores e professores**. São Paulo: Paulinas, 2007.

MARTHA, Alice Áurea Penteadó. **Leitor, leitura e literatura: teoria, pesquisa e prática.** Maringá: Eduem, 2008.

MILLIET, Sérgio. **Obras Primas da fabula universal – seleção, introdução e notas.** São Paulo: Martins Fontes, 1957. 305 p.

MIZUMAKI, Maria da Graça Nicoletti. **Ensino: as abordagens do processo.** São Paulo: EPU

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários.** São Paulo. Cultrix, 1999, 520 p.

PFROMM NETTO, S. **Telas que ensinam: mídia e aprendizagem: do cinema ao computador.** Campinas: Alínea. 2001.

PROFORMAR. **Pesquisa e prática pedagógica I.** Manaus: UEA/PROFORMAR, 2005, 80p.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do Trabalho científico/ 23.ed. rev. e atual. – São Paulo: Cortez, 2007.**

SOLÉ, Isabel. **Estratégia de leitura.** Trad. Cláudia Schilling 6 ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

ZYLBERMAN, Regina. **A literatura infantil na escola.** São Paulo: Global, 2003.

ZYLBERMAN, Regina. **Como e por que ler a literatura infantil brasileira / Regina Zilberman – Rio de Janeiro : Objetiva, 2005.**

OLIVEIRA, Cristiane Madanêlo de. **Livros e infância.** [online]. Disponível em <http://www.graudez.com.br/litinf/livros.htm> (acesso em 23 de julho de 2017)